

VÁRIA

Folclore entomológico: A «Louva-a-Deus»

Creio poder reivindicar para o estudo do folclore entomológico um conjunto de realíssimas dificuldades e de insanos labores; o entomologista não esgrime as suas armas apenas contra a ignorância e abstracção mental do povo, mas também, e muito principalmente, contra o falso preconceito e sistemático negativismo, que êle opõe a pesquisas e investigações científicas, classificadas vulgar e desrespeitadamente de «manias», sublinhadas do competente e depreciativo encolher de ombros...

Sòmente alicerçado em sólidas bases de evangélica paciência se poderão levar a cabo leves tentativas de folclorismo, sempre imperfeitas e incompletas, ainda assim.

Em enorme e esmagadora maioria, o nosso lavrador ignora e despreza o conhecimento do insecto; considera-o, salvo raras excepções, daninho às vezes, e peçonhento sempre.

Mas acentuando esta maneira comum de pensar, surge como caso esporádico, e confirmando a regra, a tolerância e até veneradora amizade, dispensada pela nossa massa popular, a um dos mais truculentos e sanguinários insectos, que, mercê ao seu aspecto hipócritamente devoto e inofensivo, lhe captou e canalizou a veia da sensibilidade sentimental, inquinada talvez de vagos sentires de medo...

Refiro-me à Mantis religiosa, de Lineu, designada entre nós pela denominação de Louva-a-Deus, e no resto da Europa por nomenclatura de ideologia semelhante (Gottesanbterin, na Alemanha; Prie-Dieu, na França; Prego-Diou, na Provença; Alaba-Dios, na Espanha; Prega-Deu, na Catalunha, etc...).

E, no entanto, nunca tão mal coube um sobrenome; a cada saliência divina da alcunha, corresponde uma reentrância demoníaca do mal-designado; cada sonoridade silábica da designação pródiga oculta e disfarça o fervilhar de impulsivos e sangrentos rancores, quere contra o companheiro efémero do himineu, seu marido, quere contra as inermes vítimas do seu apetite, suas prêsas...

Mas segundo o estribilho da antiga opereta, o mundo é

assim... e assim estudaremos a Louva-a-Deus, acobertada por detrás do véu espesso da credice e da tolerância, que os nossos olhos desmascaram, mas a nossa sentimentalidade consente, receosa de contribuir de leve para a derrocada do trémulo património tradicional.

Nos antigos, e com o mesmo sainete, se salienta a pecha do amor doentio, incidente sobre os mantídeos; Teócrito, nos seus idílios, serve-se, para designar uma donzela estilizada à moderna, delicada e imponderável, da palavra Mantis, traduzindo a sua morfologia pelas palavras:

... *corpore proelongo, pedibus item proelongis, locusta genus!*... (1) dando assim ao insecto um ar de candura e de gracilidade, pouco em harmonia com os seus hábitos e modos de vida; outros escritores, mais modernos, mas ainda assim mergulhados há muito na poeira dos anos, que não do esquecimento, divinizam-na, como Rondelet, chamando-lhe:

... *tão divina bestiola...*

Não se deve estranhar por conseqüência, que o povo siga as pisadas, traçadas de tão alto, e se iluda, tomando a nuvem por Juno...

Esta miragem enganadora, tão funesta aos animais úteis da nossa fauna agrícola, que, como todos os bons, se encobertam com a modéstia e o anonimato, insinua-se mesmo nas prosaicas colunas dos nossos conspícuos diários; há pouco ainda, um jornal da capital, descrevia (em teor de vulgarização científica, infantil), o nosso insecto, apresentando-o benèvolamente:

... *A Senhora Louva-a-Deus criara fama pelas suas lindas maneiras e elegância de porte. Todos eles (os insectos), se extasiavam para a finura daquela atitude, de mãos postas, que era entre os insectos sem educação, um exemplo de que se orgulhavam...*

Pobres insectos, menos felizes que os camponeses da Idade Média, orgulhosos dos seus senhores, deshonestadores por direito, mas respeitando a vida por vezes; o exemplo de que se regosijavam os anteriores e crédulos insectos, é que não perdôa nem concede aos outros o direito de viver...

Esta errada condescendência, de utilíssima vantagem para a

(1) Como nota jocosa, não resisto à tentação de transcrever a tradução humorística da palavra Mantis, feita pelo sr. Hourloup Duval, no seu livro «Museu Pitoresco ou História Natural dos 3 Reinos da Natureza»:

... a palavra Mantis, que quer dizer, em grego: uma donzela magra, de braços delgados e longos...

É evidente a influência da leitura de Teócrito.

Louva-a-Deus, permite-lhe gosar de uma protecção que, se não é de todo desmerecida, é declaradamente exagerada.

O sr. João Salema, aplicadíssimo naturalista e dedicado amigo, inclui-a na lista, infelizmente breve, dos insectos úteis e credores da protecção do lavrador; que na sua devoradora e felina actividade destrua inúmeras espécies daninhas, concordo, mas que igualmente ingresse no campo restrito das úteis, é indubitável, partindo do princípio verificado de ser o próprio macho, a presa imolada (e gostosamente!) aos seus apetites vorazes.

Tudo se resume na frase feliz de Paul Guérin:

Formes élégantes et moeurs carnassières.

Contrariamente pois a todo o raciocínio provável, o nosso povo respeita-a, adora-a, e chega mesmo a integrá-la na teia emaranhada e obscura da sua terapêutica.

Outras vezes diviniza-a de algum modo, concedendo-lhe foros de pitoniza ou adivinha, privilégio usufruído pela Louva-a-Deus de tempos imemoriais, prestando-lhe qualidades divinatórias, consoante se deduz das transcrições de Rondelet, de Guérin, etc.

Diz o primeiro:

Tam divina consetur bestiola, ut puero interroganti de via, altero pede extento rectam monstrat, adque raro, vel nunquam faltat, e o segundo, como éco poliglota, repete:

... *étaient considérés jadis comme capables d'enseigner le chemin aux voyageurs égarés...*

O divino Frédéric Mistral, no seu livro «Mes Origines» (Mémoires et récits), conta com singeleza:

Une mante religieuse, agenouillée, vous regarde-t-elle?

Vous l'interrogez ainsi:

*Mante, toi qui sais tout
où est le loup?*

L'insect étend la patte et vous montre la montagne...

Entre nós, como veremos, a crença persiste, modificada um tanto na finalidade.

Contudo aonde esta divinização atinge o ápice, é entre os indígenas da África Austral, que, segundo Sparrmann, consideram santificada a pessoa em que pousar um destes felizes ortópteros.

Obcecado pelo simpático exterior, a singela imaginação do povo engrinalda-a de flores, queima-lhe o incenso do seu misticismo, e quere-lhe com essa mistura de carinho e de terror, que forma a base da sua religião; mas longa vai já a introdução, e é

tempo de esmigalhar os frágeis torrões tradicionalistas que consegui arrecadar.

É sôbre a sinonímia portuguesa e reduzido prebendado folclórico que versa a nota presente; deficiente, incompleta e pobre, representa na verdade o desejo modesto de contribuir para o esclarecimento da nossa nebulosa etnografia entomológica, à custa do esforço pessoal e da muita amabilidade e dedicação de colegas e amigos *in re incerta*...

Não me repugna, e antes me apraz, aceitar a fragmentação da sinonímia popular em três grupos:

- 1.º místico ou de observação religiosa;
- 2.º morfológico ou de observação estética;
- 3.º problemático ou de identificação difícil.

No primeiro grupo, o mais rico, encara-se o estudo da forma, aliada à religiosidade da atitude;

No segundo, menos abastado, o aspecto morfológico, sem correlação ideal, religiosa;

No terceiro, enfim, surgem-nos as arestas difíceis de contornar, ao procurarmos identificar a nomenclatura bárbara com a forma normal ou com as funções exogénicas do insecto.

Procurarei ligar a cada um dos grupos os dados sinonímicos e tradicionalistas que obtive.

1.º Grupo

Eis os apodos que a fantasia e a simpatia dos habitantes das nossas férteis leiras distribuíram, generosamente, entre os mantídeos; uns resaibados de carinho infantil, como:

- Bichinho de rezar* (Famalicão);
- Cavalinho de Nossa Senhora* (Beira-Baixa);
- Cavalinho de Nosso Senhor* (Rezende, Aregos);
- Cavalinho do Senhor* (Sinfães do Douro);
- Cavalo do Senhor* (Mezão Frio); aliando bem a forma ao abstracto religioso.

Outros admitindo só o canónico do aspecto:

- Louvinha-a-Deus* (Beira-Alta);
- Louvaminha* (arredores de Chaves);
- Maria-reza-reza* (arredores do Pôrto — Maia);
- Reza-reza* (Valongo, Famalicão, Barrozelas);
- Rezadeira* (Arredores de Guimarães);
- Rêzinhas* (Terras de Bouro, Recarei);
- Santo António* (Santa Cruz do Bispo, Matozinhos);
- Tereza-reza* (Marco de Canavezes).

É possível que nesta última designação intervenha a influên-

cia espanhola (andaluza), que conhece a Louva-a-Deus sob o rótulo de Santa Tereza.

Propositadamente omiti o nome de Louva-a-Deus, que pela sua generalização, não apresenta caracteres autóctones. Existem contudo, excepcionais regiões onde o nome de Louva-a-Deus é desconhecido (Redondêlo, Anêlhe (Chaves).

Na parte lendária, prendem-se a este grupo tradições e lendas de aspecto vário; enquanto que algumas dizem respeito a simples gravuras orais conservadas, outras enveredam por caminhos menos fáceis de trilhar, ou mesmo de passagem impossível.

Entre as primeiras, e mais despidas de adornos enfeitadores, colhi as seguintes:

Sinfães do Douro:

Quando alguém lhes procura bater ou atacar, erguem as mãos, pedindo perdão;

Marco de Canavezes:

Quando as conseguem apanhar (o que não consideram fácil), afirm de as obrigar a levantar as respeitadas mãos, bradam-lhe:

Tereza, reza-reza

sendo logo obedecidos.

Terras de Bouro:

As crianças obrigam-as a erguer as mãos, batendo no chão, perto delas, com uma vara, gritando:

Ergue as mãos, ergue as mãos...

Valongo:

As crianças colocam a Louva-a-Deus na sua atitude característica, e dizem ameaçando-a com um pau:

Tóca o sino, senão mato-te,
Tóca o sino, senão mato-te.

Famalicão:

Conhecem-a mal e receiam-a, a-ponto-dos rapazes se recusarem a capturá-la viva.

Caminha:

Pouco conhecida pelo nome de Louva-a-Deus, chamam-lhe Louvaminha, por louvar as almas, quando junta as patas (corrupção de louva-a-alminha, ou de louva-a-minha) (alma)?

Citam ainda a quadra popular, reveladora da veneração sentida pelo mantídeo:

Meu amor, saúdade minha,
Vais partir, hás-de voltar.
Vou pedir à «Louvaminha»,
Para a Deus por ti rezar.

Sôbre o papel divinatório da Mantis, possuo duas observações:

Beira-Alta:

Interrogam o animal:

Louvinha-a-Deus, onde está o lobinho?

E o bichinho, inclinando o cabeça para um dos lados, ensina o local aonde se encontra o lôbo;

Vila-Real (Bolicas):

Para saberem a direcção seguida pelos lôbos, os rapazes perguntam:

Louva-a-Deus, onde estão os lôbos?

Indicando o insecto com uma das patas o lugar onde se acoi-taram as temidas feras.

É, como vêem, uma modalidade simples do tradicionalismo antigo de Rondelet, Guérin, Mistral e quejandos. *Nihil novus...*

Como meio terapêutico, uma única nota me foi possível colher:

Molêdo e Afife (arredores de Caminha):

Empregam a Louvaminha na cura de variadas doenças, nomeadamente da «bertoeja ou bortoeja, madre-caida e quebranto.

Só consegui saber a maneira pitoresca de tratar esta última, tendo porém razões para suspeitar da analogia do método para a cura das outras.

A benzedeira ou talhadeira é a única pessoa indicada para tal fim, e ao mesmo tempo a fabricante de amuletos dotados de milagrosas virtudes curativas.

A doente, (em geral é de mulheres que se trata), solicita uma verdadeira consulta, sendo por vezes obrigada a esperar a sua vez, porquanto o negócio corre bem e é rendoso; feito o diagnóstico e pesquisada a causa promotora da doença, isto é, o estado quebrantal, a benzedeira pede uma louvaminha, que lhe deve ser apresentada pela doente, na sua atitude esfíngica de mãos postas (particularidade importante, *sine qua non...*).

A talhadeira tem já preparadas umas saquitas (não sei de

que material), aonde são introduzidas as Louvaminhas, sempre em posição implorativa; concluída esta primeira parte, senta-se a consulente em uma cadeira, no meio da casa, e a benzedeira recita a seguinte oração, depois de se persignar:

Tu, se quebranto tinhas,
porque mo não dizias?
Que eu te talhava
e retalhavava;
três pedras alhas,
três maravalhas,
três suspiros meus
três teus,
três de santa Micaéla,
melhor p'ra ti
graças a ela...
Égo rito dari tu...
Mas porque t'espantas tu?
Eu te benzo
e eu te talho,
e depois dêste trabalho
se o abelhão souber
e a *Louvaminha* quiser,
com aquilo que te vou pôr (aqui põe-lhe o saquito ao pescoço),
e o mais que necessário fôr,
nada mais precisarás
e assim te curarás.
Amen.

Vinha a talho de foice um estudo comparativo das talhadelas e respectivos dizeres, tarefa de que tratarei em breve em trabalho de maior tomo.

Outras tradições não têm lura própria e perdem o fio original, através da transmissão oral; uma das mais poéticas olha a Louva-a-Deus como uma antiga princeza, muito rica, muito linda e muito desgraçada.

Enamorada e desejando casar contra o beneplácito dos pais, foi por êstes encerrada em poderoso castelo; sòmente, por intermédio de uma fada benfazeja, lhe foi facilitada a sortida, sob a forma de Louva-a-Deus, mas com o formal compromisso de rezar toda a vida, em constante arrependimento...

2.º Grupo

Uma observação mais despida de embaraços poéticos, nomenclaturou o mantídeo com maior singeleza, incisiva em alguns casos, laivada ainda de amor respeitoso em outros.

Os sobrenomes:

Mãos postas (Famalicão);

Pateza ou patesa (Redondêlo, Arnêlhe (Chaves);
Lavadeira e Lava-a-Loiça (Celorico de Basto) (1);
Cigarra (Barrozelas), são claramente classificações de ordem morfológica, sem tendência a intervenção ideológica. Outros, porém, misturam ao critério anterior um leve respeito cerimonioso:

Cavalinho d'El-Rei (Arêgos);
Mãosinhas d'El-Rei (S. João da Pesqueira).

A parte tradicional pertencente a êste grupo é muito pobre; apenas obtive uma indicação em

Redondêlo (Chaves):

Nesta região onde se desconhece a designação de Louva-a-Deus, alcunhada de pateza, o povo quando a encontra, dirige-lhe a seguinte frase:

Pateza, põe a mesa,

por comparação com pessoa entregue a êsse exercício, em vez de atitude adorativa. É de-resto insecto simpático a todos.

3.º Grupo

Denominações hieroglíficas, cuja interpretação me não parece fácil; folclore pobre.

Rincha-cavalinhos (Nelas, Viseu);

Grila-meza (Valpaços);

Preguiça (Luvandes, Peneide) (2);

Mateus (Chaves).

Tradicionalmente, deparou-se-me o seguinte:

Barrozelas:

Os rapazes, brincando com a Louva-a-Deus, e para a obrigar a erguer as patas anteriores, batem-lhe ao de leve, com uma vergasta, dizendo:

Mateus, Mateus, ergue as mãos e reza a Deus.

(1) Nesta região, assim como na do Gerês, corre o ditado:

«Aonde houverem (sic) louva-a-deus, não há perdizes», referindo-se à predilecção destas aves pelos mantídeos.

(2) Em Vila-Real (Boticas), dão também o nome de preguiça a uma larva de 1 a 2 cms., envolta em um manto de grãos de areia ou de palhinhas aglutinadas, que o animal arrasta consigo; tratar-se-há de larvas de psíquideos?

Valpaços:

Para a fazer levantar as mãos, gritam-lhe, dando ruidosas palmas:

Grila-mesa
 põe a mesa,
 alta,
 que se veja...

E para finalizar estas breves considerações, permitam-me que abra um honroso parêntese, que sirva para provar que nem de todo abandonado anda, entre nós, o folclorismo entomológico.

Tive a oportunidade e a satisfação de lêr, numa publicação infantil (o A B C zinho), um artigo correcto e sintético de história natural, firmado pelo Dr. Fernando Pires de Lima.

Cita o autor a maneira, a modo de intimidação, com que o povo dos arredores de Santo Tirso se ageita para obter a posição implorativa do insecto:

Maria, louva a Deus, senão mato-te!

e ela ergue as patas e junta-as na atitude de quem reza.

Comovente e ingénua prática, que sensibilizaria, a não vir seguida das seguintes palavras, verdadeiro refrigério na ardência do entusiasmo:

Desconfiem de tanta humildade! Êste bichinho, com cara de santo, é o mais desalmado hipócrita que há no mundo! Eu não conheço, na criação, mais verdadeira imagem de Tartufo.

É em cêrca de trinta palavras o resumo da dualidade vitalista da Mantis: simpática e atraente, no desenho elegante do seu hábito externo, depravada e sanguinária no desenrolar íntimo dos seus instintos!

Com as mesmas mãos com que implora a divina benção, retem e dilacera a preza palpitante; Torquemada da sua raça, deleita-se com a agoniosa desintegração da vítima, sem que através da quitinosa couraça se exteriorize qualquer sensação apreciável.

É com esta máscara de cruel indiferença que realiza os pantagruélicos festins, de que o autor teve uma leve amostra:

...atrás desta (uma mosca), foi outra e outra, até 10. Depois, nesse dia, comeu ainda duas vespas e uma abelha...

A mais e muito mais me tem permitido assistir a mania de observador impenitente; um alimento, duas ou três vezes, supe-

rior (em volume), ao seu corpo, é absorvido glotonamente, pelo insecto:

Espanta-se o próprio H. Fabre, o poeta da entomologia, que comenta:

Maravilham-me as prerrogativas especiais de um estômago, pelo qual voa o alimento, para ser logo digerido, fundido, absorvido...

E quem observar a Mantis, neste momento, verá, na translucidez dos seus tegumentos, a marcha rápida e jamais interrompida do sangrento bolo alimentar, que no estreito esófago se contorciona trágicamente, a sumir-se na profundidade dos órgãos que já não avistamos...

E diz-nos, surpreendido, o dr. Pires de Lima:

... pesava 15 decigramas e media 6 centímetros de comprimento, pertencendo 4 centímetros ao abdómen. Assim pequenina, metia dentro do bucho comida que fartaria um açambarcador.

Sem que me surpreenda em demasia, apenas noto que talvez esta polifagia (que sòmente observei na fêmea), se explique pela confecção do ninho, verdadeiro monumento em relação ao seu tamanho, e que deve, forçosamente, dispender material construtivo e potencial dinâmico formidáveis!

Mas abandonando êste rumo, que será norteado em futuro trabalho, sigamos o artigo do autor citado, que no final, ainda nos ilucida, contando que:

... antigamente, na Inglaterra, quando um nosso remoto primo se perdia na floresta, ia procurar uma Louva-a-Deus e pergunta-lhe por onde era o caminho. E ela lá o guiava apontando com a patita...

Como fecho, o autor, insinua, conselheiro e humorista:

Já sabem que não devem fiar-se em carinhas seráficas e em piedosos gestos... Cá na nossa espécie humana não faltam Louva-a-Deus de quem é preciso desconfiar. Cuidado com elas!!!

Palavras, que a não ser a brevidade do tempo, se prestariam a largos e oportunos comentários!!

Tendo feito, pois, referência, como era justo e merecido, ao único trabalho no género, que, feito por portugueses, conhecemos, termino o proveitoso parêntese.

Finaliza assim a ligeira nota entomológica sôbre a Louva-a-Deus, insecto notável pela sua morfologia e determinados costumes, mas execrável pela fria e sanguinária ferocidade, que Curtius abona, fazendo derivar a raiz da palavra Mantis, do grego mainomai, significando ser louco, transportado; mas como os antigos confundiam a sabedoria com os transportes

da imaginação, é mais compreensível encerrar o modo de ser da Louva-a-Deus, nas palavras sensatas de E. Caustier:

É que, enquanto houver estômagos para digerir, necessário será enchê-los... O intestino governa o mundo, e, no fundo das nossas mais graves questões, aparece sempre uma outra; a da comida...

ARMANDO LEÃO.

Ritual do Fogo e da Água — As orvalhadas de S. João

.....
Então, o homem sente a sua pequenina e inútil alma afundar-se no tédio, silenciosamente, como um navio roto numa calmaria, e vai, por instinto, dar-se à intimidade consoladora da lareira, das brazas e do fogo. E, enquanto a força vital se dissolve numa sonolência flúida, êle sente aos seus pés uma pequena voz, alegre, inquieta, clara, que lhe fala como num êxtase profano:

«Sou eu — diz a voz — eu, o teu velho camarada, o bom lume. Sou eu, o teu velho Deus misterioso. Eu que te quero bem, e que te dei o que ha em ti de grande e justo — a família e o trabalho. —»

EÇA DE QUEIROZ — *O Lume* (Prosas Bárbaras).

Há divertimentos populares que, na aparência de manifestações de alegria, guardam a significação de ritos essenciais, derivados de práticas religiosas muito antigas, perdidas na origem tradicional, que forma o substrato de ideias, de crenças e de costumes bárbaros de populações diversas, de raça e de lugar. Assim os festejos do S. João, encontram a sua origem em velhas usanças, entre povos da Europa ocidental, em vários pontos da França, na Provença, em Portugal, na Galiza, no centro da Espanha, no Norte de África e algures.

Não é por inspiração mèramente do desejo ingénuo, aliás bem natural, de se divertir, que essas populações, de castas tam diferentes, acendem as fogueiras de S. João e praticam as famosas e divertidas aspersões de água fria, na madrugada do dia santificado (orvalhadas). Não é porém fácil relacionar estas festividades ruidosas, essencialmente populares, com o seu princípio original, que se perde na névoa dos tempos. Contudo estas fogueiras e as abluções ou banhos que lhes servem de contra-partida,—

o fogo e a água —, conjugando com frequência os dois elementos considerados pelos antigos, como princípios de força natural, fontes de energia cósmica, não se juntam por obra de acaso, mas são atribuídas, como actos de magia, à revivescência de rituais, que eram praticados sobretudo no solstício de verão e coincidiavam com a festividade Sanjoanina, a qual o cristianismo sempre celebrou. É este um dos factos que mostram que a nova religião aproveitou ou adaptou, com felicidade e alegria, um rito pagão, a seu modo, à exaltação dum dos maiores santos assinalados no calendário.

*
* *
*

O culto do Fogo é, com certeza, dos mais primitivos. Segundo o etnógrafo Zaborowski, os velhos arianos tinham como fundamento religioso o lar e neste primitivamente o lume, com o qual se identificava aquele. Muitos textos e revelações etnográficas, folclóricas e históricas fortalecem este asserto. A adoração do fogo é comum a religiões e cultos diferentes. Muitas vezes o altar de sacrifício se transformou em fogueira (1). Entre os Gregos antigos e os Romanos, vê-se que o emprêgo do lume não visava sòmente o aquecimento, mas representava, na realidade, objecto cultural preferido — o lar ou lareira —, cujo respeito e prestígio é notório em muitos documentos históricos, pelos quais se vê que semelhante veneração era muito espalhada na Antiguidade clássica. Havia os deuses lares, os *penates*, espécie de divindades domésticas, de índole protectora, talvez *totémica*.

No imortal poema de Vergílio a elas se alude, de maneira a não deixar dúvidas. O entretenimento do lume era um dever sagrado, atributo do chefe da família, que devia conservá-lo de dia e de noite (Zaborowski). É por demais conhecida a forma deste culto exercido por sacerdotizas do templo de Vesta, consagrado ao Fogo. Eram estas que mantinham constantemente o *Fogo sagrado* no altar apropriado. Muitos hinos e orações têm por objectivo o lume (2). Para os Gregos e Romanos o lar representava a família, o núcleo ou célula social, como noutros povos de diferente origem.

(1) Racine, *Iphigénie*.

(2) Hinos de *Rig-Véda*, cf. Zaborowski, *Le Culte du Foyer chez les Slaves contemporains*, in «Bull. et Mem. de la Soc. d'Anthropologie de Paris», I, 1900. Há no folclore de outras nações versos e canções alusivas ao lume, na Provença e na Galiza, por exemplo (V. Risco — *Notas en col do culto do lume na Galiza — Homenagem a Martins Sarmiento*, pág. 342, Porto, 1933.

A *corrida do facho*, na Grécia, no caminho de Atenas, por equipas, é, de índole semelhante, costume *pagão relativo ao culto do Fogo* (1).

O lume era tomado de cima do Altar, simbolizando o arrebatamento do Fogo ao deuses por Prometheo, para o dar aos homens. Parece filiar-se nesta acção o rito abraçado pelos cristãos, do I ao V século, e que se celebrava na Itália, na Galia e na colónia romana do N. de África. Antiquíssimos monumentos atestam o culto de Vulcano, deus do Fogo. Com o tempo, o altar transformou-se na fogueira mágica, em tórno da qual dançavam ou saltavam, talvez com ideia de purificação.

Ritos conhecidos na Idade Média, na Europa central, parecem ligar-se de longe a esse costume bárbaro. Assim as fogueiras que se ateiam na Alsácia e na Lorena, bem como no Alto Rheno, segundo refere A. Glory. Nesses países revive ainda com entusiasmo o culto do lume, no mês do solstício de verão. Na Bretanha religiosa e praticante e noutros pontos de França coexiste, com pequenas alterações, o velho ritual do ígneo e da água. Conforme este autor, semelhantes usos prender-se-iam com os antiquados ritos introduzidos pelos Romanos. Provam-no monumentos da época dos dominadores e deixados nas Galias.

Em populações actuais, de grau diverso de civilização, esse ritual de áustera simplicidade acha-se disperso em manifestações aparentadas, que constituem costumes perpetuados pelas tradições locais, e que se repetem com fervor em grande número de localidades, com variantes que os diversificam dum lugar para o outro. No fundo, existem as mesmas formas de magia e de superstição a respeito do lume.

Reconhece-se que tais ritos se praticam em épocas do ano assinaladas pelos fenómenos solares, ou pela posição da lua, em particular, no solstício de verão. Nessas épocas, tanto os islamitas dum lado, como os cristãos do outro e até os judeus, do lado do Oriente, se entregam a exercícios de carácter especial, em que os elementos — Água e Fogo — têm o papel principal. Por exemplo, os banhos, as abluções, as aspersões, as libações. Assim também os fogos que se acendem como demonstração de alegria, — as fogueiras. O solstício estival é marcado nas populações meridionais com a festa crónica de S. João (23 de Junho), que tem o seu simile ou equivalente nas cerimónias muçulmanas do comêço do mês de Julho.

(1) A. Glory, *Les Feux de la Saint-Jean*, in «La Nature, n.º 2955. Junho, 1935.

* * *

O costume inveterado de acender fogueiras, em determinadas ocasiões, assim como o de fazer abluções em certos dias, relaciona-se provavelmente com o ritual bárbaro e primitivo, cuja significação é, em muitos casos obscura e obsoleta. Supõe-se, no entanto, que essas festas rituais da água e do fogo tenderiam a promover efeitos de convergência de forças naturais para a fertilidade dos campos. Neste sentido praticam, em algumas terras a imersão dos ídolos e estatuetas santificadas, com o intuito de alcançar êxito nas operações agrárias e noutras empresas difíceis, para as quais o homem depende das energias cósmicas. É notável porém que semelhantes práticas se observam, por temporadas, dos dois lados do Mediterrâneo, na margem norte e na margem sul.

É claro que as abluções e aspersões de água, em costume nos berbéres, actualmente espalhados nos países do N. africano, nada têm de comum com o banho redemptor cristão; mas observa-se a equivalência que paralelisa o bárbaro costume com o das velhas populações católicas, que o conservam desde longínquas eras, sobretudo no sudoeste da Europa. Vários autores se referem a semelhante prática, como ritual popular, entre Árabes, com o carácter de simbolismo agrário. Em Marrocos e na Tunisia é que se encontra, no dizer dos etnógrafos, o rito puro e completo de tal religião (1).

A tribu marroquina de Beni-Snu é aludida no trabalho de Laoust, acerca das cerimónias berbéres, por ser aquela em que os dois elementos se associam na comemoração solsticial. Durante esta, as mulheres acendem o lume num forno em que lançam perfume e desfilam ao redor da cisterna, no primeiro do ano muçulmano, preceito que conserva a intuição simbólica agrícola, a fim de promover o desenvolvimento da vegetação. No dia imediato, a gente moça vai banhar-se ao rio próximo e repete as aspersões rituais, que redundam em diversão espectacular (2).

Esse rito não é exclusivamente muçulmano, porque se encontra igualmente em festas israelitas e, tanto dum lado como do outro, o significado é difuso e a interpretação subtil e vária.

(1) F. Benoit, *Le rite de l'eau dans la fête du solstice*, in «*Rev. Anthropol.*», 1—3—1935.

(2) Laoust, *Noms et cérémonies des feux de joie chez les Berbères de l'Atlas*, etc. 1921. — Cf. Benoit, *loc. cit.*

Prende-se, em geral, com uma simbólica, em que a água, pelo menos, desempenha papel principal, na forma de aspersões, duchas e banhos abundantes.

Em muitos pontos da Provença, como em Portugal, em particular, nas províncias do Norte, e também na Galiza, e no centro da Espanha o facto do banho na madrugada de S. João, as aspersões e abluções, as fontes, multiplicam-se na mesma época do ano, na passagem do solstício, por coincidência com as festas de S. João.

Pode-se crer que semelhante regosijo se repercute em todo o Noroeste da Península ibérica, pois que nos galegos assim se observa. *Lumes de San Johan, fogueiras, lumeiradas* usam-se no litoral galaico, em Lugo e Orense e porventura noutros pontos da bela região limitrofe. Ocupam-se dêsses jogos publicistas como Murgia, Ricardo Lopez e Carré Aldão (1).

Numas e noutras partes, parece que nestes actos se trata da revivência de um rito primitivo, que envolve o culto antíquissimo da Água, cuja significação se acha alterada, com o andar dos tempos. O Fogo esclarece de noite a festa, em forma de fogueiras e, modernamente em fogos de artifício, que se queimam em França e em Portugal, na noite célebre, que se perde literalmente na lupercal barulhenta em extremo. Todas estas práticas visam, juntamente com as aspersões difusas e os banhos, a abundância dos campos, *ad petendam pluviam*, porisso que a Água é o elemento indispensável à bôa colheita, assim como a séca é adversa e nociva.

* * *

Santo Agostinho estigmatizava o banho dos judeus, porque imitava costume pagão, chegando a ser proibido (*Costumes e superstições da festa de S. João na recuada Idade Média*, segundo Huet. Cf. Benoit, *loc. cit.*). De idêntico núcleo supersticioso deriva a veneração das fontes, o que se relaciona com a mesma festa do solstício. O pôvo atribui às fontes virtudes singulares nesta época, crença comum a muitos países, nas Landes da Gasconha, como na Itália, região dos Abruzzos e na Sicilia e ainda noutros, de que os folcloristas se ocupam, no mesmo ponto de vista.

(1) Hoyos Sainz, *Festas populares de España*, in «*Act. Congr. Internat. d'Anthropologie*», Porto, 1930.

Cf. V. Risco, *Notas en col do culto do lume*, in «*Homenagem a Martins Sarmiento*», Porto, 1933.

Na obra curiosa e utilitária de P. Saintyves, da Escola de Antropologia de Paris, citada pelo Dr. Regnault (1), vê-se que o culto das fontes vem de alta antiguidade e se generalizou largamente. Ainda hoje ingénuos ex-votos se oferecem e lançam na água pura das nascentes, a que se atribui qualquer virtude (2). Nota este autor que entre os povos da Antiguidade, os Assírios, os Judeus e os Índios, as águas eram divinizadas. É sobretudo conhecido o banho sacramental dos Índios, em época distinta, no Ganges, em Benares, por exemplo, bastante para atestar este velho culto.

O Cristianismo, a lutar contra o paganismo, não destruiu, antes adoptou ao seu crêdo de milagres o rito das águas e do fogo, em formas simplistas e alegres, tumultuosas e brilhantes nalgumas partes (3).

O Rev. P.º F. M. Alves, abade de Baçal também se refere ao assunto na obra monumental dos Arq. Distr. de Bragança, *Memórias Arqueológicas e Históricas*, Porto, p. 96. Nelas o venerando arqueólogo brigantino faz referência em particular às fontes, às árvores e ao fogo (4).

Semelhantemente e com largueza, Sébillot trata do sobrenatural ligado às águas, fontes, rios, entre povos orientais, por ex., na China, onde os naturais, cuja superstição não é por demais conhecida, admitem a existência de *espíritos bons e maus*, que veem visitar as fontes em ocasiões (5).

(1) *Revue Moderne de Médecine et Chirurgie*, Março, 1935.

(2) Para os povos que precederam os Romanos, as fontes e os rios possuíam boa parte de Força natural, que respeitavam.

Plínio «Hist. Nat.» alude à superstição ligada às nascentes (*Fontes presagas*). Os Romanos, pelo menos, continuaram esta crença e atribuíram Nomes diversos às águas, como se deduz enigmáticamente de epígrafes encontradas pelos arqueólogos nalgumas localidades do N. da Península.

Bormanico — Caldas de Vizela; *Endorio* — Caldas de Reis (Galiza). As ninfas seriam outra ordem de divindades afluentes ou acessórias dos rios e das fontes. Estas eram objecto de *práticas higromânticas* na Galecia (Galiza). Estas práticas deviam ser anteriores ao domínio romano. Os próprios Romanos faziam oferendas aos Mananciais, segundo alude Marcial.

Ovidio, refere-se ao anho imolado na Fonte de Picus, Cf. F. Lopes Cuevillas, *O culto das Fontes no noroeste hispanico*, in «T. da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia», VIII, p. 73, 1935.

(3) Titelbach, de Belgrado diz (Cf. Zaborowski, *Le feu sacré chez les Slaves contemporains*), que os Slavs de todas as classes têm o lume da lareira por sagrado e assim também os Slavs Karpathicos atribuem ao fogo virtude salvadora particular.

(4) Santos Graça, *O Poveiro*, Póvoa de Varzim, 1932.

(5) Sébillot, *Le Folk-Lore. Littérature orale et Ethnographie traditionnelle*. Paris, 1913.

Por fim, é na Alemanha moderna — nacional-socialista —, que se tenta renascer a celebração estival, à maneira antiga, em legítima festa pagã, acendendo as fogueiras simbólicas e declamando discursos, que hão-de afervorar a nova crença e o respeito dos heróis doutróra, que com Witkind, lutaram pela independência germânica.

*
* * *

Segundo antigos textos, parece que este ritual pagão é muito vetusto e já se estadeava na Idade Média. Pode-se dizer também que é muito extenso e adquiriu grande generalidade. debaixo de formas as mais variadas e pitorescas, que participam do *folclore* de mui diversas regiões. A poesia e a música são talvez intrmissões modernas no ritual conhecido e no meio da alegria verdadeiramente pagã e assás ruidosa. Inumeras trovas e canções evocam o Santo e as suas virtudes; as diversões têm ainda o carácter supersticioso, sem prejuízo de cerimónias pròpriamente religiosas (1).

(1) Luís Chaves, *Portugal Além*, Gaia, 1932.

Segundo este investigador, semelhantes festanças têm três características acentuadas: 1.º, Feição amorosa, como se nota nas trovas de inspiração popular:

S. João é milagroso
É santo casamenteiro

.

e nalguns costumes e tradições, exemplo, a queima das alcachofras, o *bochecho de água*, etc.; 2.º, Reminiscência do antigo banho sacramental de S. João Baptista (rito cristianizado); 3.º, Feição sortilêga e divinatória ou oracular. Ainda conforme a interpretação do sr. L. Chaves, a ardência das fogueiras é outro elemento do culto pagão, talvez ligado ao intuito purificador:

Na Noute de S. João
Vou fazer uma fogueira

.

Também no conhecido Romance de Vinhais, transcrito pelo mesmo autor (*loc. cit.*) e que se encontra também no voluminho do P. Firmino Martins, *Folclore do Concelho de Vinhais*, Coimbra, 1928, se nota o referido carácter de sortilégio, quanto ao poder misterioso da água da Fonte, da manhã de S. João:

Que à fonte foi buscar água!
Bem ditosa da donzela

.

Quanto a danças, não faltam e antes abundam as da noite de S. João, alternadas ou simultâneas com as canções. J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, p. 99.

O culto do lume e o seu ritual revela-se ainda de formas frustes, não menos significativas, embora de carácter supersticioso. Tais actos de superstição representam a degenerescência de culto atávico, outrora com certeza de maior alcance e largueza.

Dêste modo, tanto em Portugal como na vizinha Galiza, é pecado cuspir no lume, acreditam as gentes que o lume *possuê alma*. O respeito, a veneração da lareira, mais do que pelo calor irradiado, se torna profundo pela crença religiosa. Por analogia, S. Martinho Bispo de Dume, no VI século da era Cristã disse que o povo, depois do Dilúvio, se esqueceram do Deus Criador, para prestar culto a entidades inferiores... «Huns adorão o Sol, outros a Lua ou as estrelas, huns o fogo, outros a agoa ou as fontes...» (1).

Todas as modalidades expressivas da festa solsticial mostram que, nas regiões opostas e distantes, em diversos agrupamentos étnicos, ela reserva o simbolismo agrário e protectivo, em que a Água e o Fogo são representativos das potências universais.

Os acessórios não deixam de se repetir do mesmo modo. As trombetas, os instrumentos de barro, os tambores, as músicas, os pandeiros, os assobios e os petardos, os estrondos, constituem outros tantos elementos imprescindíveis de estímulo e de alegria e conferem ao divertimento o carácter e o ritmo pagão.

23 de Junho de 1935.

J. BETHENCOURT FERREIRA

(do Instituto de Antropologia
da Universidade do Porto).

Á busca da Atlântida

Visitou recentemente Portugal e os Açores o sr. Paul Le Cour, director da revista parisiense *Atlantis*, o qual realizou uma conferência em Lisboa e veio procurar nestas paragens ocidentais elementos de discussão do eterno problema da Atlântida.

O sr. Paul Le Cour deu-nos o prazer de nos procurar no Pôrto, tendo tido ensejo de examinar os allabetiformes de Alvão, Lerilla, etc. no Instituto de Antropologia. O cepticismo do sinatário sôbre a realidade da Atlântida de Platão não impediu que lhe

(1) Informação e cortezia do sr. dr. Carlos Teixeira, de Braga.

causassem uma impressão muito agradável as horas de convívio intelectual que teve com o sr. Paul Le Cour, pessoa de muita distinção e afabilidade, com a qual se encontra conforme no que respeita a elevadas aspirações idealistas e à necessidade de se não considerar o Ocidente através da prehistória e da proto-história como meramente tributário das culturas orientais.

A propósito, queremos registar que, tendo-nos recentemente ocupado da Atlântida em vários trabalhos (*As novas ideias sôbre a Atlântida*, «A Terra», Coimbra, 1934; *A Atlântida e as origens de Lisboa*, cap. V do livro «Da Biologia à História», Pôrto, 1934; e ainda num resumo em castelhano *La Atlântida y los origenes de Lisboa* em «Investigación y Progreso», t. VIII, Madrid, 1934, p. 221), não conseguimos exgotar — longe disso! — a vasta bibliografia recente sôbre o assunto. Às opiniões de vários autores que expuzemos, teríamos a juntar as de muitos outros que só posteriormente chegaram ao nosso conhecimento. Não acabaríamos, porém, se quizéssemos dar uma informação minuciosa. Citaremos apenas algumas publicações, acompanhando essas citações de breves notas sôbre opiniões ou factos referidos naquelas publicações.

JUAN FERNÁNDEZ AMADOR DE LOS RIOS — *Atlantida — Estudio arqueológico, histórico y geográfico* — Zaragoza, 1925. É um volume compacto de 346 págs., cheio de fantasia erudita. Apoia-se sobretudo em etimologias e aproximações onomásticas. Critica Schulten e outros autores. O Autor pretende que os Tartéssios receberam a sua cultura dos Atlantes seus ascendentes, povo etíope, educador dos Egípcios e Caldeus, e ensinaram a seu turno o seu saber a Gregos, Cartagineses e Latinos. Para nós tem particular interêsse esta passagem (pág. 79): «Los hermanos gemelos Elasiippon y Méstora puede admitirse que tuvieron sus reinos en España, pues Mestora, «habitante de la Puerta», debia de referirse á la puerta Mediterránea o entrada del Estrecho y el nombre de Elasiippon, «el de los buenos caballos», parece recordar el nombre de *Elisippo* (*sic*), hoy Lisboa, famosa como toda la *Lusitania*, por sus caballos». O A. refere-se em seguida à lenda da fecundação das éguas, na Lusitânia e perto de *Olisipo*, pelo vento. Destas passagens se depreende que, antes de nós, já a atenção de alguém fôra ferida pela analogia entre *Elásippos* e *Olisippo*. Embora o ignorássemos à data das nossas publicações, sempre o supuzemos possível, tão impressiva de facto é essa afinidade.

NICOLÁS DE ASCANIO — *L'Atlantide quaternaire* — 2.^a ed. — Tenerife, 1930. Um fragmento de humero humano encontrado por volta de 1857, por P. Maffiote, a 2^m,50 de profundidade na grande

Canária; um *gánigo* (nome guanche que designa um vaso de barro de forma hemisférica e de factura rude), que teria sido encontrado em 1859 ou 1860 por F. Kreitz numa galeria aberta sob a *tova* (camada de pedra pomes), com um fragmento de mó manual, um maxilar inferior humano, cinzas e conchas calcinadas (hoje tudo extraviado); restos de árvores sob a *tova* na Grã Canária e em Tenerife; algumas peças cerâmicas mais perfeitas do que as ganches, encontradas em La Portalina e noutros pontos — são, com algumas considerações geológicas, argumentos invocados pelo Autor para fundamento da hipótese das Canárias terem pertencido à Atlântida de Platão. Não é difícil notar o que há de precário e incerto nesses argumentos para conclusão de tamanha monta.

OTTO SILBERMANN — *Un continent perdu — L'Atlantide* — Paris, 1930. Segundo este A., a Atlântida estava na África do Norte ou ligada a esta. A civilização atlante era libifénicia. A história da Atlântida não é anterior a 1100 a. C. Nota-se que o elefante pertence à fauna africana. O cavalo só apareceu em África no séc. XVI a. C., com a ocupação pelos Hicsos. Silbermann entende que a narrativa libifénicia da Atlântida foi levada para o Egito, onde exageraram a sua antiguidade. Os gregos também teriam deformado as narrativas fenícia e libi-egípcia... É vasto o domínio das hipóteses.

JEAN GATTEFOSSÉ — *L'Atlantide et le Tritonis occidental* — «Bull. de la Société de Préhistoire du Maroc», 1932 (anal. de Paul Le Cour no n.º 45 de «Atlantis», Paris, 1933). Estudo dumas 150 páginas, em que o A. procura demonstrar que a Atlântida de Platão não é a América, mas se deve procurar na África. O mar Atlântico seria o lago *Tritonis* occidental, existente no Saará de oeste, então ainda não seco, e que teria várias ilhas e comunicaria com o Oceano. Os Atlantes seriam Hiperbóreos, emigrados para ali. A sua civilização seria neolítica (então os metais da narrativa de Platão?). M. Gattefossé espera que investigações no Djouf virão a revelar os vestígios das cidades atlantes. No mesmo n.º da revista *Atlantis*, se alude também às pesquisas do P.º Azaïs e de R. Chambard na Etiópia, outrora chamada, segundo Plínio, *Atlantia*, e se notam analogias impressionantes entre as descrições daqueles autores e a narrativa de Platão. No entanto, M. Paul Le Cour, autor das duas análises, escreve que a Etiópia dos antigos não coincide com a actual e que as relações entre a Atlântida de outrora e a Etiópia de hoje são longínquas... Tudo isto é na verdade muito longínquo...

JULES FONTAIN — *Poseidon, Roi de l'Atlantide; son véritable caractère dans la mythologie et dans la religion grecque* — «L'Ethnographie», nouv. série, n.º 27, Paris, 1933. Sem se pronunciar sobre o sentido a dar à narrativa de Platão, o A., nesta comunicação à Sociedade de Etnografia de Paris, em sua sessão de 4 de Fevereiro de 1933, afirma que Poseidon foi primitivamente mais que o deus do mar, estendendo-se o seu domínio à terra firme. Daí te-lo a imaginação de Platão, ou as tradições recolhidas por este, apresentado como o rei da Atlântida.

G. POISSON — *Le rôle de la Préhistoire dans l'étude de l'Atlantide* — Ibid. Na mesma sessão da Sociedade de Etnografia, Poisson mostrou que a Pre-história contradiz o que o *Critias* diz da Atlântida e que seria apenas produto da imaginação do filósofo «pour les besoins de ses théories». Pelo contrário, a narrativa do *Timeu*, muito mais simples e sem indicações sobre a civilização, poderia ajustar-se aos elementos fornecidos pela pre-história. Os Atlantes seriam da raça de Cro-Magnon, que — diz o A. — se parece muito com os Peles-Vermelhas do NE. da América. Formada na Atlântida, a raça de Cro-Magnon talvez tivesse emigrado para os dois lados do Atlântico, no momento do cataclismo que submergiu a Atlântida, cu seja no meio do quaternário...

ALEXANDRE BESSMERTNY — *L'Atlantide* — Trad. do Prof. F. Gidon — Paris, 1935. É um volume de mais de 250 páginas com 23 figuras e cartas. Nêle se expõem várias hipóteses sobre a Atlântida, especialmente as que localizam esta na África Ocidental (Elgee, Frobenius), no norte de África (Berlioux, Knötel, Roux, Borchardt, Herrmann, etc.), em Tartessos (Schulten, Hennig, Netolitzky, etc.), no Oceano Atlântico (Cadet, Donnelly, Lewis Spence, etc.), as doutrinas de Herman Wirth e de Gorsleben, que pretendem numerosas e amplas difusões migratórias dos Atlantes na Europa Ocidental, na África, na América, etc., as doutrinas de Hörbiger, Georg, Fischer, etc. que baseiam a ideia atlantidiana na cosmogonia glaciária, emfim a teoria de Karst que pretende terem existido... duas Atlântidas, a de Oeste e a de Leste, a Atlântida líbica e hespérica com um *vorland* hiperbóreo e europeu ocidental e uma Atlântida pérsico-índo-oceânica continuada a NE. com o *hinterland* turaniano e asiático oriental. A etnologia e sobretudo a lexicografia fornecem elementos a esta última construção, avisinhando os Incas do Perú dos Inuit da terra esquimó, dos *Machiolas* do Peloponeso, dos Enakim da Palestina, dos Aïnos do N. do Japão. Eneas = Aineas, o chefe pre-italiota, «reflete» o nome de *Anahuac*, do país dos Tolteques... E quem nos diria

que o onomástico lusitano com *Callipus* ou com *Minius* (o actual Minho) viria dum fundo comum, que relacionaria povos asiáticos, mediterrâneos, europeus ocidentais, e americanos!? Quem nos diria que *Minius*, por exemplo, vem da palavra dakota *mini* que quere dizer a «água»?...

Deixemos os teósofos e ocultistas atlantidianos de que Bessmertny se ocupa ainda largamente, e registemos apenas que, para êle, o problema da Atlântida de Platão «pertence pela sua natureza aos fenómenos irracionais», e está na actualidade para aqueles que querem «descobrir uma pátria e um objectivo». «A imagem de continentes submersos — diz entretanto — faz parte necessariamente, d'ora-à-vante, da nossa concepção do mundo». Pouco importa, segundo o mesmo A., que Platão tenha ou não dado nomes exactos a êsses continentes ou deles soubesse alguma coisa: o que o seu génio inventou *de toutes pièces*, essa mitologia nova, «não podia ser uma mentira». A Atlântida platónica seria o símbolo duma aspiração sugestiva que engloba todas as pátrias primitivas — iluminadas pelo sol ou envolvidas na bruma, perfumadas suavemente ou açoutadas pela tempestade — das diversas mitologias nacionais, Vineta dos Alemães, San Brandan dos Suecos, Avalun dos Celtas...

O célebre relatório do neto de Schliemann, duas resenhas históricas feitas por Paul Le Cour e R. Dévigne sobre o movimento atlantidiano em França, e ainda duas notas de F. Gidon e Marcel Baudoin sobre submersões litorais nas costas irlandesa e francesa, completam o livro de Bessmertny. O relatório Paul Schliemann é porcerto uma das maiores fantasias a que tem dado alento o tema da Atlântida. Mistificação indigna de alguém que usa o nome do glorioso orientalista? Talvez não. Porventura será antes um sonho extranho dum atlantómano, que, como Bessmertny sugere para o *Complexe-Atlantis*, mereceria ser menos o alvo de censuras agastadas do que o objecto dum inquérito psicanalítico ou — dizemos nós — mesmo francamente psiquiátrico.

Talvez sôb êste último aspecto os devaneios dalguns atlantófilos adquiram maior interesse científico do que as próprias pesquisas do suposto continente desaparecido. Mas é inegável que a intensificação recente dos estudos atlantidianos é, como a teosofia, algumas filosofias e várias utopias e exaltações sociais, políticas e religiosas, a expressão profundamente dramática da imensa angústia intelectual e afectiva da humanidade contemporânea...

MENDES CORRÊA.

Afrânio Peixoto

Visitou Portugal no mês de Maio findo o insigne cientista e escritor brasileiro, Prof. Afrânio Peixoto, que veio tomar parte na sessão inaugural da secção portuguesa do Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura, tendo proferido nessa sessão uma notabilíssima conferência sobre a história das relações intelectuais entre os dois países irmãos.

Infelizmente a permanência de Afrânio Peixoto entre nós foi muito curta. Tendo estado em Lisboa, Coimbra, Porto, Guimarães, Braga, Vila Real, e alguns outros pontos do país, pôde sem dúvida ajuizar de quanto é querido e admirado em Portugal, e surpreender aspectos da vida portuguesa que muito haviam de interessar o seu espírito de raro quilate intelectual e de perfeita e simpática lusofilia. Mas, se lhe foi dado ter uma visão rápida duma terra e duma gente a que o prendem os laços da mais estrutural afinidade de inteligência, de affecto e de sangue, mal houve tempo para entrar em contacto com alguns centros culturais que de há muito o conhecem e admiram e que lhe teriam sem dúvida testemunhado expressivamente os seus sentimentos, se lhes tivesse sido possível recebê-lo pessoalmente em seu grémio.

Assim sucedeu com a nossa Sociedade que lhe consagraria, sem dúvida, uma sessão solene de recepção, se a estada de Afrânio Peixoto no Pôrto não se tivesse reduzido a pouco mais dum dia e se, nestas condições, fôsse legítimo e humano privar o ilustre autor dos *Novos ramos da Medicina Legal*, da *Criminologia*, da *Sexologia Forense* e das *Missangas* dalguns momentos de descanso na vertiginosa sucessão de visitas, digressões, recepções, etc. para que, sem fadiga e sempre na melhor disposição, se viu constantemente solicitado.

A despeito de tanta pressa, nenhuma dúvida temos de que Afrânio Peixoto viu e sentiu bem na paisagem, na história, na alma, o Portugal que perfeitamente adivinhara do outro lado do Atlântico.

A cultura brasileira não podia ter tido mais adequado emissário perante a antiga metrópole. Numa revoada de nativismos tão inúteis como desprestigiados para quem os acalenta, a missão de Afrânio Peixoto surgiu como a mais alta, mais digna e mais pura expressão da Inteligência e do Sentimento da grande Pátria brasileira.

M. C.

Congresso de Antropologia Colonial no Pôrto

Tem a imprensa científica da especialidade, como as revistas «L'Anthropologie», «Anthropologischer Anzeiger», etc. feito agradáveis referências ao I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, realizado pela nossa Sociedade no Pôrto em Setembro de 1934, por ocasião da Exposição Colonial Portuguesa. Está também muito adeantada a publicação dos respectivos trabalhos, que constituirão dois volumes ilustrados, de mais de 400 páginas cada um.

Um dos votos do Congresso — no sentido da criação no Pôrto dum Instituto Colonial com um Museu — não mereceu, porém, o aplauso do nosso distinto colega sr. prof. Victor Fontes, que, numa conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa em 14 de Janeiro de 1935, exprimiu uma opinião favorável à prioridade de Lisboa sobre Coimbra e Pôrto em tal matéria. Esta conferência suscitou uma carta do autor destas linhas ao «Diário de Notícias» de 19 seguinte, carta em que sobre factos se manifestava o parecer de que o Pôrto não tem menos direito a tais organismos do que Lisboa, e de que à fórmula «antes uma coisa boa do que muitas más» é preferível substituir a fórmula «antes várias coisas boas do que muitas más».

É do nosso conhecimento que o sábio ilustre que é o sr. prof. Joaquim A. Pires de Lima, perante o texto da conferência, inserto no n.º de Março e Abril do Boletim da Sociedade de Geografia, enviou a esta colectividade uma nota em defeza dos direitos portugueses, combatendo o preconceito de que a capital tem primazia *em tudo* e citando mesmo o caso da Holanda, o grande país colonial, que possui o seu magnífico Instituto Colonial em Amsterdam e não em Háia

A centralização em Lisboa afecta inexplicavelmente outros domínios. Assim, ainda recentemente se constituiu uma Comissão de Etnografia no Secretariado de Propaganda Nacional só com elementos residentes em Lisboa, sem qualquer representação escolhida pelos organismos e entidades provinciais daquela disciplina.

Não temos senão simpatia por Lisboa e muito desejamos vêr engrandecida a nossa capital, onde há nos vários ramos de actividade elementos de alto valor. Mas porque não reconhece Lisboa à província os direitos que, por exemplo, Berlim reconhece a Munich, onde existem o Instituto Imperador-Guilherme de Psiquiatria, o grandioso Deutsche Museum, da indústria, e outros institutos sem equivalentes em Berlim?

M. C.